

AVANÇANDO PARA O COMEÇO

De repente
Esse homem sorriu
Crianças
Em pleno uso da poesia
Funcionavam sem apertar o botão¹
Manoel de Barros

Esta dissertação começou a ser pensada na graduação. Naqueles tempos, conheci a obra de Manoel de Barros. O encantamento surgiu de imediato e, sem perceber, adquiri todos os livros que pude do poeta. Lendo-os, senti-me na infância, senti a infância, porque tudo aquilo me era novo, e meus olhos percorriam sobre as páginas como curiosos diante de um mundo esquecido. Realizei alguns trabalhos destinados a compreender o poeta que começava a conhecer. Concluí a graduação em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro com a certeza de que precisava ir ao Mestrado, sem parar, para que pudesse desenvolver mais meus questionamentos. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob orientação da professora Dra. Rosana Kohl Bines, desenvolvi a habilidade de pôr em questão a obra literária, e aquele interesse inicial pelo poeta cresceu tanto que elaborei este trabalho.

O que mais me movia e move a ler os livros de Manoel de Barros é o avançar para a infância, que é condição de ser humano. Mais do que uma etapa cronológica, ela é um sentimento, um acontecimento que se dá estando nós em qualquer idade, porque a infância não trata de anos, mas da própria existência. Por que o poeta insiste tanto na infância, escrevendo a partir dela, com ela, para chegar e fazer chegar a ela? A constante leitura que fiz da obra barrosiana – são mais de vinte livros, cujos títulos se encontram no anexo desta dissertação – faziam-me questionar o que é a própria infância.

Por isso, um capítulo destinado a tal questionamento foi imprescindível à compreensão da infância em Manoel de Barros. Trata-se, pois, do capítulo segundo desta dissertação, no qual busquei diferentes visões da infância visando compreender aquela que emergia da obra barrosiana. Procurei averiguar se a

¹ BARROS, M. de. *Matéria de poesia*, p.29.

infância é tão-só etapa cronológica, período inicial da vida, ou uma experiência, uma condição humana e, portanto, um sentimento passível de ser experienciado em qualquer fase da vida. Platão, Aristóteles, Nietzsche, Ariès, Benjamin, Agamben, Lyotard, entre outros, foram indispensáveis ao pensamento acerca da infância, a qual é o cerne desta pesquisa, portanto.

Manoel de Barros, nascido no Mato Grosso, escreve sua obra com a consciência de que precisa pregar a prática da infância entre os homens. Daí que pensa em renová-los. Não há nisso prepotência alguma do poeta, uma vez que se põe na humilde condição de propiciar a infância àqueles que, a princípio, se esqueceram dela, em um infinito compartilhamento de experiências. Que não se veja nisso um criancamento do seu leitor, isto é, não há desejo algum de transformá-lo em uma criança ou fazê-lo imitá-la. Trata-se de educá-lo pela infância, inserindo-o nela para que reconheça que ainda não fala tudo, ainda não aprendeu tudo e, por conseguinte, ainda não deixou de aprender.

Antes de ir à infância em Manoel de Barros, é preciso conhecer um pouco da história de vida desse poeta. Ela se confunde, muitas vezes, com a obra. Ele não tem por hábito conceder entrevistas oralmente, mas por escrito, o que nos sugere certo desejo de permanecer distanciado e, simultaneamente, não exposto a prováveis constrangimentos que possam ser gerados por entrevistadores. Soma-se a isso o fato de o poeta conseguir, por escrito, responder como se escrevesse poemas. Não são raros, nas entrevistas, trechos de escritos seus. Portanto, vida e obra confundem-se, o que é um grande perigo, uma vez que há o risco de se acreditar que corresponde à sua história pessoal tudo que está na sua obra. Um capítulo, o terceiro, aborda essa problemática.

No capítulo quarto, há reflexões acerca da infância em Manoel de Barros, sobretudo no livro publicado em 2003, *Memórias inventadas: a Infância*. Ele é o escopo da pesquisa, porque é forte a questão da infância nele, desde seu subtítulo, o que não quer dizer que, nas demais obras, ela não se destaque. Porém, especificamente nesse livro, há um claro esforço de resgatá-la por meio de memórias – inventadas, é importante salientar. Em tal capítulo, há uma busca por aquilo que o poeta entende por infância e pelo que nós entendemos da infância na sua obra. Não se esgota o assunto, é válido dizer, porque é praticamente impossível conseguir explorar por completo o que, em Manoel de Barros, é o motivo e, ousado dizer, finalidade da escrita.

Manoel de Barros, direta ou indiretamente, lê Walter Benjamin, pois *Infância em Berlim por volta de 1900* tem incontáveis ressonâncias na obra barrosiana. Daí que um capítulo sobre as possíveis semelhantes – e diferenças também – entre os escritos do poeta e os do filósofo foi essencial. O quinto capítulo traz reflexões, principalmente acerca da brincadeira, que, em um e outro, nasce a partir de coisas simples e ínfimas como, por exemplo, uma pedra, uma rã, um pente, um pedaço de madeira, etc. E esse brincar ocorre em lugares um tanto quanto infantis como o quintal ou o canteiro de obra.

Todavia, com que finalidade Manoel de Barros faz tudo isso? Por que a insistência na infância? A partir dos questionamentos que me faziam, constantemente, minha orientadora e os professores das disciplinas que cursei no Mestrado, começou a desenvolver-se a hipótese de que essa infância em Manoel de Barros não é um mero rememorar a fase inicial da vida. Trata-se de um projeto de educar, que é emancipar, para o professor argelino Jacques Rancière. Mas educar quem? Para quê? – eu me perguntava. E o escuro começou a me iluminar... Educar o leitor – o que se entende por renová-lo – para que ele saia diferente da maioria dos homens de hoje, que são como robôs os quais abrem portas, puxam válvulas, olham o relógio, compram pão às 6 horas da tarde, vão lá fora, etc. O poeta não é, todavia, um educador, porque não é ele quem educa. Ele propicia a infância. Esta, sim, é a educadora em potencial. O capítulo sexto traz reflexões sobre a educação pela infância em Manoel de Barros.

Não foi fácil – preciso confessar – desenvolver tais reflexões. Não encontrei outros trabalhos acadêmicos que tenham relacionado infância à educação, ou melhor, focado uma educação pela infância na poesia de Manoel de Barros. Encontrei, sim, monografias, dissertações e teses que versam sobre a infância, a linguagem, a metalinguagem, a presença de personagens crianças, entre outros temas relevantes. Porém, não consegui ler trabalho algum que tivesse a mesma linha de pensamento que eu queria dar ao meu. Devido a isso, foi uma escrita solitária, apesar de encontrar referenciais teóricos que me iluminaram bastante como Benjamin e Agamben. Com estes, dialoguei e pensei sobre o alicerce desta pesquisa.

Tendo consciência da extensão de um Mestrado, isto é, do pouco tempo para produzir uma dissertação acerca da obra barrosiana na íntegra, decidi buscar a infância, principalmente em *Memórias inventadas: a Infância*, como já foi

mencionado. Entretanto, é primordial que fique aqui registrada a incompletude das ideias tratadas nesta pesquisa. Desde o início, sabia que não seria possível abordar todos os livros de Manoel de Barros, falar sobre a infância na vasta extensão de sua obra, capturá-la e colocá-la sentada à minha frente para indagar dela seus motivos. Por isso, deixo aberto o caminho para o desdobramento, para um novo início, para um avançar para a infância, tateante, incerto, gaguejante, experimentador, labiríntico...